

**XI CIFORM – Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação**  
19 a 21 de agosto de 2013 • Escola Politécnica/UFBA • Salvador – Bahia  
**Mundo digital: uma sociedade sem fronteira?**

**UMA REFLEXÃO SOBRE A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NO  
CONTEXTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO**

**FÁBIO J. DOS SANTOS \***  
**(fabiodoici@yahoo.com.br)**  
**JUSSARA BORGES \*\***  
**(jussarab@ufba.br)**

**Resumo:** A competência em informação, área de estudos na Ciência da Informação, tem se preocupado com as questões relacionadas à disseminação, recuperação e uso da informação pelo homem. Diante dessas questões, a reflexão pretende chamar a atenção para a atuação/*práxis* do bibliotecário no contexto da competência em informação, visto que ele é considerado um mediador da informação, sendo responsável por conduzir as informações de acordo com as necessidades das pessoas. Também procurou-se compreender, contextualizar e descrever os principais conceitos que nos levam ao entendimento da competência em informação. Avaliou-se a competência em informação como necessária e indispensável, diante da rápida disseminação da informação, proporcionada pelas tecnologias da informação e comunicação.

**Palavras-chave:** Competência em informação. Bibliotecário-*Práxis*. *Information literacy*.

**Abstract:** Information literacy, area studies in Information Science, has been concerned with issues related to dissemination, retrieval and use of information by man. Given these issues, the reflection aims to draw attention to the action/*praxis* librarian in the context of information literacy, since it is considered a mediator of information and is responsible for leading the information according to the needs of people. It also sought to understand, contextualize and describe the main concepts that lead us to an understanding of information literacy. Evaluated the information literacy as a necessary and indispensable, given the rapid spread of information provided by the information technology and communication.

**Keywords:** Information literacy. Librarian-*Praxis*.

---

\* Mestrando em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA). Especialista em Educação Profissional (CEPROEJA/IFBA). Bacharel em Biblioteconomia e Documentação (ICI/UFBA).

\*\* Professora Adjunta (ICI/UFBA). Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PÓSCOM/UFBA). Mestre em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA). Bacharel em Biblioteconomia (Fabico/UFRGS).

## 1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos que vivenciamos, em especial, desde meados do século passado, foram responsáveis por resignificar as formas de aprendizagem e socialização entre os seres humanos. As tecnologias da informação e comunicação (TIC) possibilitaram o acesso a uma imensurável gama de informações que se dissemina rapidamente. Isso passa a requerer do homem novas competências para que ele possa de um lado encontrar-se nesse manancial informacional, e de outro aproveitar adequadamente esse recurso, o que cada vez mais representa se inserir na sociedade da informação.

Compreendemos, então, que tornar um cidadão capaz de discernir a informação que agregue valor em sua vida é torná-lo apto a reagir à exclusão social que a própria sociedade da informação promove. Essa capacidade de recuperar a informação e utilizá-la adequadamente, mudando inclusive a sua condição social, tem sido denominada de competência em informação, área de estudos na Ciência da Informação que tem se preocupado com as questões relacionadas à disseminação, recuperação e uso da informação pelo homem.

Um aspecto elementar da competência em informação é a capacidade de contínua aprendizagem. Num contexto em que a informação tem nas TIC a principal plataforma de difusão e no qual essas tecnologias mudam constantemente, reflete-se no ser humano a demanda por habilidades específicas para lidar tanto com o aparato tecnológico, como com a gama de informação disponível. Portanto, a aprendizagem independente e ao longo da vida será uma cobrança para que o indivíduo possa saber lidar com essas rápidas mudanças impostas pela sociedade da informação/conhecimento.

Saber utilizar “corretamente” a informação tem sido preocupação de várias áreas do conhecimento, da Educação à Biblioteconomia. Este artigo focaliza na atuação do bibliotecário, que por ser um dos atores sociais responsáveis pela mediação da informação na sociedade, foi um dos mais impactados na sua práxis profissional. Trata-se de um contexto que requer do bibliotecário o entendimento de que a sua atuação sofre uma mudança diante do panorama mundial. A informação, independente do suporte que se encontra materializada, é produto da sua responsabilidade, sendo sua incumbência a recuperação, seleção e disseminação, o que requer competência em informação num contexto altamente tecnológico, complexo e dinâmico.

## 2 COMPREENDENDO E CONTEXTUALIZANDO A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A complexa sociedade em que vivemos, denominada por alguns autores como sociedade da informação ou do conhecimento trouxe mudanças na configuração social. Morigi e Pavan (2004, p. 117) apontam que “as relações sociais já não ocorrem, necessariamente, pelo contato face a face entre os indivíduos. Elas passaram a ser mediadas pelo computador, independentes de espaço e tempo definidos.” Atento a essa questão, Le Coadic (2004, p. 108), complementa dizendo que “[...] a vida profissional caracteriza-se cada vez mais pela organização em rede de pessoas e computadores.” Dudiziak (2001, p. 54) ainda acrescenta que:

A Sociedade da Informação foi calcada em um cenário essencialmente pós-moderno, informático, onde o indivíduo percebe uma certa angústia diante do impacto gerado pela velocidade com que a tecnologia tem evoluído e disponibilizado a informação, através principalmente dos meios de comunicação como a televisão e a internet.

É quase impossível imaginar o mundo de hoje sem as TIC, que são responsáveis pela grande disseminação da informação no mundo contemporâneo. As TIC, sem dúvida, nos dão

a oportunidade de conhecer o novo, buscar informações de qualquer parte e interagir com os mais diversos tipos de lugares e pessoas. Praticamente trouxe a possibilidade de sintetizar o mundo num monitor, exercendo “[...] influências profundas na vida cotidiana. Contudo, elas não são autônomas e, portanto, não podem ser desvinculadas do contexto social em que foram produzidas.” (MORIGI; PAVAN, 2004, p. 119).

Diante desse cenário surge um questionamento: será que o ser humano está preparado para saber buscar e selecionar as informações que possa utilizar em todas as esferas de sua vida, diante desse binômio, sociedade *versus* tecnologia, usando para beneficiar a sua existência?

A Ciência da Informação que tem, segundo Le Coadic (2004, p. 25), “[...] por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso”, preocupa-se com essa questão e proporciona pesquisas específicas nessa área denominada de competência em informação. Hatschback e Olinto (2008, p. 21), concluem que:

A Competência em Informação já tem luz própria, como área de estudos na Ciência da Informação, com bastante autonomia, apesar de sua grande interface com outras áreas do conhecimento, entre as quais podemos mencionar a educação, as ciências sociais, a psicologia cognitiva, a comunicação, o marketing, o direito e a informática.

Com estudos cada vez mais crescentes, e discussão afluída, a competência em informação vem se firmando como uma importante e essencial área de estudos de vários seguimentos do conhecimento e “[...] tem mobilizado profissionais os mais variados: bibliotecários, professores, administradores, educadores, pedagogos, jornalistas, políticos, médicos, engenheiros, etc.” (DUDZIAK, 2008, p. 42). Hatschback (2011), corrobora a questão quando diz que “é um assunto muito interessante e desafiador, pois ainda há muita coisa a se fazer nesta área, sobretudo no Brasil<sup>1</sup>.”

Informação é poder em variados processos sociais, como bem ressalta Owens (1976 apud Dudizik 2001, p. 23) ao focar a relação entre informação e participação cívica:

Todos os homens são iguais, mas aqueles que votam munidos de informação estão em posição de tomar decisões mais inteligentes que aqueles cidadãos que não estão bem informados. A aplicação de recursos informacionais aos processos de decisão no desempenho das responsabilidades civis é de vital importância.

Essa afirmação é indiscutível, sobretudo no século XXI onde o fluxo de informação é perene, ilimitado e possui crescimento exponencial. Aprender a aprender se tornou um lema e necessidade vital. Caregnato (2000, p. 48), desperta essa questão quando coloca que “[...] uma das características fundamentais do profissional do futuro é a capacidade de aprender e renovar-se continuamente, desenvolver habilidades relacionadas à localização, seleção, acesso e utilização da informação [...].”

Visto que os primeiros estudos sobre o tema surgem nos Estados Unidos sob a expressão de *informaton literacy*, houve certa dificuldade na consolidação de uma terminologia na língua portuguesa. Para Dudziak (2003, p. 24), expressões como “[...] alfabetização informacional, letramento, literacia, fluência informacional, competência em informação [...]” são algumas possibilidades.

Em dissertação de mestrado, no ano de 2001, Dudziak utiliza a expressão no original (*information literacy*). Hatschbach também em dissertação de mestrado, em 2002, usa a mesma

---

<sup>1</sup> Mensagem pessoal, recebida por e-mail.

nomenclatura. Já em sua tese de doutorado, no ano de 2009, Hatschbach utiliza o termo Competência em Informação.

Campello (2002, p. 9), preferiu utilizar a terminologia competência informacional em seus primeiros estudos, que são no âmbito da biblioteca escolar. Soares (2004, p. 05) e Teixeira (2007, p. 79), utilizam a palavra letramento para a tradução de *literacy*. Podemos perceber com isso, a complexidade para a conclusão de uma expressão que traduza o conceito.

Neste trabalho, preferimos adotar o termo “competência em informação”, como proposto no XIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias – SNBU, em mesa redonda, e por já estar sendo utilizado e ser reconhecido pelos pesquisadores da área. (HATSCHBACH; OLINTO, 2008, p. 24).

A autora já tinha justificado o uso desse termo em sua dissertação de mestrado, quando diz que:

Baseados na literatura especializada, podemos dizer que a noção de *Information Literacy* representa a habilidade e a capacidade em utilizar a informação e o conhecimento sobre a sistemática, o movimento da informação. Além da capacitação no uso das ferramentas para a recuperação da informação, ela preconiza o conhecimento de fontes, o pensamento crítico, a formulação de questões, a avaliação, a organização e a utilização da informação. Diante disso, outra possibilidade para a tradução de *Information Literacy* é o termo ‘Competência em Informação’. (HATSCHBACH, 2002, p. 48, grifos do original).

## 2.1 Breve Histórico

A educação de usuários está na origem da tentativa de desenvolver a competência em informação no indivíduo. Campello (2003, p. 29), salienta que até a década de 50 não acontecia a educação de usuário, funcionando a biblioteca apenas como local de estudo, no qual os bibliotecários se limitavam a executar o serviço de referência.

No início da década de 1950 surge nos Estados Unidos a *bibliographic instruction*, e a educação de usuários se torna objeto de interesse entre os bibliotecários. Ela consistia em treinar o usuário para utilizar a coleção da biblioteca, manuseando adequadamente as fontes de informação.

Na década de 1960, além de treinar o indivíduo a utilizar a coleção da biblioteca, o bibliotecário deveria se preocupar também com os programas dos componentes curriculares, fazendo com que o usuário recuperasse corretamente as informações para utilizá-las no seu aprendizado escolar. “Pode-se considerar que o letramento informacional constitui um passo à frente na trajetória da profissão bibliotecária, na busca de maior espaço para exercer seu papel educativo” (CAMPELLO, 2009, p. 7).

Observamos, então, que a competência em informação tem os seus antecedentes na educação de usuários e no ambiente da biblioteca escolar. Somente na década de 1970, o seu conceito passa a ter maior abrangência. O mundo começa a tomar dimensão da explosão documental e da exigência de habilidades para saber utilizar corretamente a informação, selecionando o que será relevante para uso. Percebe-se que isso vai além do ambiente escolar e deve ser desenvolvido por toda a vida.

Nessa mesma década, surge a expressão *information literacy* (competência em informação). Segundo Dudziak (2003, p. 24, grifos do original), “a expressão *information literacy* surgiu pela primeira vez na literatura em 1974 em um relatório intitulado *The information service environment relationships and priorities*, de autoria do bibliotecário americano Paul Zurkowski.” Nesse período, existia uma preocupação em se saber utilizar corretamente as ferramentas tecnológicas. Esse relatório tinha como objetivo descrever os produtos e serviços oferecidos pelas instituições de origem privada e como estavam relacionados com as bibliotecas.

Dois anos mais tarde, o conceito volta a ser discutido e, desta vez, a ênfase transpõe o uso dos recursos tecnológicos para o acesso à informação.

Em 1976, o conceito de *information literacy* reapareceu agora mais abrangente, ligado a uma série de habilidades e conhecimentos; incluía a localização e uso da informação para a resolução de problemas e tomadas de decisão. Não se tratava apenas de buscar a informação, tratava-se de fazer uso dela para tomar decisões e resolver problemas. (DUDZIAK, 2003, p 24, grifos do original).

Posteriormente, Taylor (1979) e Garfield (2001) (apud Dudziak 2003, p. 24), retomam a discussão em torno da questão tecnológica, enfatizando a importância do domínio das técnicas e habilidades que permitam a utilização das ferramentas informacionais e tecnológicas, utilizando-as, inclusive, na modelagem de soluções para os problemas.

Em seguida, surgem os estudos que vinculam a *information literacy* à questão da cidadania, pois acredita-se que cidadãos competentes no uso das informações teriam melhores condições de tomar decisões relativas às suas responsabilidades sociais. Outro ponto a destacar, também sobre esse período, é que todos os estudiosos estavam de acordo sobre a importância da informação e a necessidade de utilizá-la corretamente. A sociedade da informação já começava a esboçar-se e os sujeitos que não possuísem habilidades para adquirir e fazer uso das informações disponíveis, provavelmente ficariam excluídos do contexto social que emergia.

A tecnologia da informação foi o foco na década de 1980. Nesse período, os trabalhos se voltaram para a *information technology literacy*. Essa concepção de *information literacy* tomou uma grande dimensão o que obrigou o indivíduo a saber fazer uso da máquina em todas as esferas da vida, seja na pessoal, profissional ou institucional. No entanto, logo percebeu-se que a tecnologia não faz com que o indivíduo se torne competente em informação. É preciso que ele utilize a máquina como uma ferramenta que vai lhe dar acesso à informação, como salienta Stern (2002 apud TEIXEIRA, 2007, p. 88, grifo do original): “[...] ter acesso a um computador não torna uma pessoa alfabetizada, do mesmo modo que possuir uma caneta não faz de uma pessoa escritor. Computadores e canetas são meramente ferramentas de *literacy* [...].”

Mais tarde os estudos deixaram o foco da tecnologia e passaram a destacar as ligações entre a biblioteca e a educação, o ser humano e a sua aprendizagem ao longo da vida. Aprender não é um processo estático, demanda atitude e abertura para o novo. Diversos autores produziram trabalhos com ênfase no papel das bibliotecas e dos bibliotecários nesse processo. Entre eles, Dudziak (2003, p. 25), destaca: Breivik, Behrens, National Commission on Excellence in Education, Karol C. Kuhlthau, Patrícia S. Breivik, E. Gordon Gee e a American Library Association (ALA).

Na década de 1990 a ALA formulou um conceito de *information literacy* que é até hoje amplamente aceito. Traduzindo para o português, Dudziak (2003, p. 26) assim o apresenta:

Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprendem a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela.

A busca de uma fundamentação teórica e metodologia para o termo também marcou esse período. Com isso, a produção científica por parte da comunidade bibliotecária destacou essencialmente a capacidade de aprendizagem do indivíduo, sua criatividade e habilidade para

resolver problemas e lidar com as situações adversas. É válido salientar que a maior parte das produções ocorridas nesse período continua sendo em língua estrangeira.

No cenário nacional, Lecardelli e Prado (2006, p. 38) construíram um infográfico sobre a competência em informação no Brasil, com as seguintes colocações:

- Dudziak, et al. (2001) apresentam discussões e apresentações sobre o tema no contexto do ensino superior e bibliotecas universitárias. Também, há alguns trabalhos com ênfase na prática da competência informacional e sua importância na sociedade da informação;
- Elisabeth A. Dudziak, Bernadete Campello e Regina Belluzzo (2003/04) dão ênfase na competência informacional educacional visando o aprendizado ao longo da vida;
- Helena Silva, Othon Jambeiro, Jussara Borges e Marco Antonio Brandão (2005) iniciam projetos através de grupos de pesquisa, na área de inclusão digital e educação para a competência informacional.

Acrescentaríamos ao infográfico a dissertação de Hatschbach (2002), por entendermos que se trata de um trabalho de cunho mais epistemológico, teorizando e demonstrando aplicações sobre o tema. Também, destacamos o artigo publicado por Dudziak (2008, p. 41), que apresenta e revê as recomendações feitas durante o encontro de especialistas em competência em informação ocorrido na cidade de Alexandria, Egito, no final de 2005.

Bernadete Campello, Elisabeth A. Dudziak, Maria Helena L. Hatschbach, Maria Tereza M. Kerbauy, Regina C. B. Belluzzo e Sonia E. Caregnato são autores brasileiros que abordam a temática da competência em informação, atualmente, se preocupando com o conceito, relacionando-o à capacidade de aprender a aprender e saber utilizar corretamente os recursos informacionais. Muitos trabalhos foram produzidos até a presente data, com os mais variados recortes, o que só demonstra o crescimento das discussões sobre o tema.

### 2.3 Em Busca de uma Conceitualização

Atualmente, existem diversas formas de analfabetismo, como o analfabetismo total, por regressão, funcional, informacional e digital, todos comuns em nosso país. Kokkonem (1997, apud Teixeira 2007, p. 86), “acentua que o conceito de alfabetismo informacional deve ser visto como um guarda-chuva, ou seja, composto de várias espécies de alfabetismos.”

Não há dúvidas que uma das condições para que o indivíduo seja letrado, é que ele esteja alfabetizado. O indivíduo que possui a capacidade de ler e escrever está alfabetizado, enquanto que aquele capaz de ir além disso, sabendo utilizar o conhecimento que a leitura proporciona, em sua vida, podendo mudar a sua condição social, é considerado letrado. Soares (2003, p. 39, grifo nosso), confirma essa diferença quando afirma que:

[...] *ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa **adquirir uma tecnologia**, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; *apropriar-se da escrita é tornar a escrita ‘própria’, ou seja, é assumi-la como sua ‘propriedade’.**

Também há a possibilidade do indivíduo não ser alfabetizado e ser letrado. Se analisarmos que ser alfabetizado significa se utilizar de uma “tecnologia” para ler e escrever, uma pessoa pode servir-se de outra com essa habilidade para exercer essa finalidade. Assim, um analfabeto pode ser letrado, pois faz uso da leitura e escrita, mesmo que por terceiros, podendo exercer um pensamento crítico, estruturando as suas ideias e se envolvendo em

práticas sociais de leitura e escrita. Sobre isso, Soares (2003, p. 24, grifos do original), ainda salienta:

Assim, um adulto pode ser analfabeto [...] mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva [...], se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixadas em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado** [...].

Por tudo isso, podemos avaliar que a importância do letramento é incontestável, prevalecendo inclusive sobre a alfabetização. O censo brasileiro avalia o analfabetismo na condição das tecnologias do saber codificar e decodificar a escrita, enquanto que os países desenvolvidos fazem essa avaliação levando em conta o letramento.

A avaliação em torno do conceito de alfabetismo pode ser preocupante, pois na sociedade atual, onde a gama de informações cresce rapidamente em seus mais variados suportes, o indivíduo precisa ser capaz de saber utilizar a informação para melhorar a sua condição social sabendo escolher, selecionar, avaliar e fazer uso do que for importante para a sua vida. Como diz Campello (2009, p. 13-14): “O letramento informacional constituiria uma capacidade essencial, necessária aos cidadãos para se adaptar à cultura digital, à globalização e à emergente sociedade baseada no conhecimento.”

Acreditamos que para alcançar a competência em informação é preciso que o indivíduo esteja alfabetizado, ou seja, ele precisa tanto decodificar os códigos (as letras), quanto saber fazer uma leitura crítica e interventora, deixando para trás a inocência de uma leitura superficial e sem substância.

Buscando resumir o entendimento de competência em informação, Hatschbach (2002, p. 95), conclui como sendo “uma área de estudos e de práticas que trata das habilidades acerca do uso da informação em relação à sua busca, localização, avaliação e divulgação, integrando a utilização de novas tecnologias e a capacidade de resolução de problemas de informação.”

Partindo da concepção de educação continuada, Dudziak (2003, p. 28), descreve a competência em informação, como sendo “[...] o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessárias à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida”.

Essa ideia proposta por Dudizak envolve pontos importantes, e vai além da competência em informação desenvolvida no âmbito escolar. Ela acrescenta a esse conceito a noção procedimental e contínua, pautada no fluxo das informações que crescem e impactam a sociedade.

Belluzzo e Kerbauy (2004, p. 133), concordam com Dudziak ao descrever que a competência em informação,

Constitui-se em **processo contínuo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades** como referenciais à compreensão da informação e de seu universo, em busca da fluência científica e tecnológica necessários à geração do conhecimento novo e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e das comunidades. (grifo meu)

Dentro do contexto da alfabetização informacional, Silva *et al.* (2005, p. 33) demonstram um entendimento que se insere nessa discussão ao afirmarem que:

A alfabetização informacional deve criar aprendizes ao longo da vida, pessoas capazes de encontrar, avaliar e usar informações eficazmente, para resolver problemas ou tomar decisões. Uma pessoa alfabetizada em informação seria aquela capaz de identificar a necessidade de informação, organizá-la e aplicá-la na prática,

integrando-a a um corpo de conhecimentos existentes e usando-a na solução de problemas.

Em contrapartida “o analfabetismo informacional aumenta a desigualdade social. Afasta os indivíduos do direito de crescimento pessoal e profissional e impede o desenvolvimento da inteligência coletiva.” (LECARDELLI; PRADO, 2006, p. 24).

O conceito, portanto, segue numa dimensão ampla e emergente, exigindo do indivíduo uma postura crítica e interpretativa da realidade por meio da utilização dessa tecnologia adquirida com a alfabetização.

### **3 A PRAXIS DO BIBLIOTECÁRIO NO CONTEXTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO**

Na atualidade, existe uma grande discussão sobre o perfil que define as competências necessárias ao profissional da informação. Até mesmo se tenta definir quem é considerado esse especialista, haja vista que os avanços tecnológicos e a sociedade contemporânea traçam novas habilidades que devem ser agregadas a esse profissional. Sobre a denominação “profissional da informação”, Miranda (2004, p. 118), afirma que “essa expressão é utilizada também em outras áreas, como é o caso da comunicação, em que jornalistas e repórteres são muitas vezes chamados de profissional da informação.” Ademais, é imprescindível, colocarmos outros personagens nessa saga, visto que o campo de atuação é bastante amplo.

Santos (1996, p. 5), conceitua esse profissional como indivíduo que tem a informação como o seu objeto de trabalho e inclui os “arquivistas, museólogos, administradores, analistas de sistemas, comunicadores, documentalistas e bibliotecários, além dos profissionais ligados à informática e às tecnologias da informação e das telecomunicações.” Contudo, o bibliotecário, que historicamente tem desempenhado um papel educativo quanto a lidar com informação, pode ser considerado como o profissional mais apropriado para mediar a necessidade de informação do usuário com uma sociedade caracterizada pela abundância deste recurso.

Entretanto, o bibliotecário que deveria se reciclar para atuar neste novo panorama social, marcado por mudanças que afetam também as novas formas de mediação e comunicação, ainda parece atrelar-se ao passado e valorizar muito mais uma formação tecnicista e de guardião de documentos, que melhor caracterizava sua função na Antiguidade.

Oddone (1998, p. 3) a respeito das atividades técnicas exercidas pelo bibliotecário, fala que “o espaço reservado ao guardião dos estoques acumulados do saber humano estará disponível”, ou seja, as atividades pautadas na organização e administração de bibliotecas são necessárias e indispensáveis. Porém, admite que independente da denominação de bibliotecário, ou profissional da informação, é preciso que exista uma consciência de que sua atuação profissional vai além disso, atingindo outras proporções que exprimem uma nova trajetória em suas atividades.

A criação e disseminação de informações ocorrem segundo a segundo, mas a sua confiabilidade é deveras questionável. Isso exige dos bibliotecários uma competência que supere o saber organizar um acervo delimitado. O fazer do bibliotecário alarga-se para a gestão da informação onde ela estiver e agora em função das necessidades do usuário. Percebe-se, portanto, que as tecnologias impactaram sensivelmente nas expectativas de atuação deste profissional. A respeito dessas novas tecnologias Morigi e Pavan (2004, p. 121) fazem a seguinte análise:

A introdução das tecnologias altera as relações dos bibliotecários e as suas práticas, trazendo mudanças na forma de sociabilidade e modificando o perfil deste profissional. Essas transformações fazem com que se reestruture ou se crie uma nova identidade coletiva do profissional. As mudanças tecnológicas e as novas



sociabilidades acarretam uma nova forma de articulação, relação e apreensão do conhecimento destes profissionais.

Essa evolução faz com que o profissional da informação assuma uma nova característica, a de “*ciberotecário*.” (ODDONE, 1998). Ou seja, o bibliotecário deve estar inserido no universo informacional, independente de ser tradicional ou virtual ampliando a sua atuação que ultrapassa as rotinas técnicas, interferindo também nas novas formas de mediação que podem ser presenciais ou no ciberespaço. Tarapanoff (1997, p. 21) também concorda com o descolamento do profissional dos espaços formais quando afirma que ele “não necessita estar inserido num contexto físico, como uma biblioteca, um centro de informação e/ou documentação, para cumprir o seu propósito social.” Isso estimula a ampliação dos espaços de atuação profissional, e do entendimento de que o trabalho do bibliotecário está ligado à informação, que não se encontra apenas nos espaços formais conhecidos pelo censo comum.

Pressionados por um contexto de crescente competitividade, os cidadãos têm cada vez mais necessidade de informação, principalmente no âmbito profissional. O bibliotecário como mediador deve ser um profissional capaz de desenvolver competência em informação em seus usuários, pois é preciso que o indivíduo saiba identificar as suas demandas informacionais e adquira a competência necessária para saber fazer uso de toda a informação que está disponível.

Sobre as necessidades de informação (NI), Miranda (2006, p. 99) ressalta que os usuários além de entender as suas necessidades, devem também saber como satisfazer essas necessidades, utilizando meios próprios caso seja possível. Enfatiza também que características individuais são responsáveis pela escolha e importância dessas necessidades e salienta que “[...] aspecto interessante da competência individual é que a visão da pessoa sobre si mesma pode influenciar sua percepção/avaliação com relação à própria competência.”

Entretanto, a mediação entre a necessidade de informação e a informação exige uma competência que deve ser desenvolvida nos usuários, com base na individualidade de cada um. Sobre essa afirmativa podemos concluir o seguinte:

[...] o processo de desenvolvimento ligada a NIs identificadas em determinado contexto pode fazer parte do trabalho educativo atinente aos denominados “profissionais da informação”. Dado que esses profissionais lidam com a informação como instrumento de trabalho, fazendo a mediação entre a informação e os seus usuários, eles são profissionais que podem desenvolver a competência específica para o trabalho com a informação educando os usuários da informação no desenvolvimento de suas próprias competências. (MIRANDA, 2006, p. 112)

Campello (2003, p. 33), coloca dentro do cenário da competência em informação quatro atores principais que são: a sociedade da informação; a tecnologia da informação; as teorias educacionais construtivistas e o bibliotecário. O bibliotecário representa a ponte, a ligação entre esses atores, “[...] no sentido não de aprender a usar a máquina, mas de integrar pessoas e aprendizagem com os instrumentos tecnológicos atualmente disponíveis. Além de conteúdos, os alunos aprenderiam a usar a tecnologia de forma ética e responsável” (CAMPELLO, 2009, p. 26). Isso traduz com veemência a necessidade da mediação feita pelo bibliotecário, que é o destaque do discurso da competência em informação.

A biblioteca deve ser considerada como um organismo vivo e necessário, e cabe a esse profissional essa incumbência. Para Dudziak (2003, p. 33) “as bibliotecas enfrentam o desafio de se transformarem de repositório de informação e prestadoras de serviço, em organizações provocadoras de mudança nas instituições em que atuam.” Sabemos que o desafio é grande

diante do descrédito que é dado ao profissional e da baixa valorização das bibliotecas, porém é preciso que seja encarado e vencido.

A explosão informacional que o mundo contemporâneo produz é ilimitada e nos mais variados suportes. Isso faz com que precisem ser desenvolvidas nas pessoas as competências exigidas para filtrar o que há de melhor nesse montante de informação, transformando assim em conhecimento. Nesse cenário é impossível não se admitir a importância do discurso da competência em informação e do profissional da informação, o bibliotecário, em nosso caso, que deve se encontrar preparado para ser um elo entre a informação e o usuário, educando o mesmo e ensinando, a saber lidar com a informação.

Em vista disso, o bibliotecário deve estar atento e desenvolver estratégias de aprendizagem condizentes com as teorias educacionais centradas no usuário, ou seja, se utilizar das teorias educacionais construtivistas. Habilidades de solucionar problemas, de aprender independentemente, de questionamento, de pensamento lógico são exigências para o desenvolvimento da competência em informação e cabe a ele desenvolver essas habilidades nas pessoas que utilizam os serviços de informação e as tecnologias da informação e comunicação.

No Brasil, a aprendizagem para lidar com a informação é praticamente inexistente no sistema de ensino fundamental, médio ou superior, pois o currículo escolar se encontra preso dentro de parâmetros já estabelecidos e pouco discutidos. Le Coadic (2004, p. 113), propõe a inclusão da disciplina informação, com professores especializados, para garantir o ingresso dos alunos na sociedade da informação. Sobre os benefícios, o autor conclui que “permitiria lutar contra esse considerável analfabetismo informacional e contra um crescente iletrismo informacional, e, portanto, suprimir a distância que hoje separa os inferricos dos infopobres.”

Novas nomenclaturas aparecem devido às novas demandas sociais. Com isso, podemos suscitar a seguinte questão: Está o bibliotecário preparado para assumir esse novo papel que a nova sociedade lhe exige? Não há dúvida de que a sua atuação ficou mais ampla e complexa. Oddone (1998, p. 2) salienta que “muito mais relevante é o papel que lhe está reservado nos processos de comunicação e transferência da informação e de mediação na construção do conhecimento.”

Isso exige não só a mudança do nome, mas sim do perfil profissional. Esse profissional deve estar preparado para as novas demandas que a sociedade do conhecimento propõe. Os cidadãos estão, cada vez mais, necessitando de mediação especializada, podendo também se tornar multiplicadores das informações. Isso não condena a existência das bibliotecas, nem tão pouco o profissional de biblioteconomia. Pelo contrário, essa postura trará o usuário cada vez mais ao encontro do bibliotecário, devido à conscientização de que as competências para o uso da informação devem ser desenvolvidas ao longo da vida.

É importante salientar, que o indivíduo inserido na sociedade atual e competente em informação deve ter um aprendizado independente, sabendo da sua importância enquanto cidadão, estando ciente de suas obrigações sociais e reconhecendo o valor da informação, nesse contexto. Deve também, participar efetivamente de grupos que possam lhe ajudar na busca e geração da informação, proporcionando assim uma educação ao longo da vida. Para Silva e Cunha (2002, p. 78), “esta realidade aponta para uma educação básica e polivalente que valorize a cultura geral, a postura profissional, a ética e a responsabilidade social” e salientam que a educação continuada é exigência do século atual.

Saber se apropriar corretamente das tecnologias da informação e comunicação e de seus recursos é, pois, outra competência essencial ao indivíduo, como coloca Dudziak (2003, p. 30):

Associada à sociedade da informação, marcada pela forte influência da tecnologia, o conceito de competência em informação é definido como a pesquisa, estudo e

aplicação de técnicas e procedimentos ligados ao processamento e distribuição de informações com base no desenvolvimento de habilidades no uso das ferramentas e suportes tecnológicos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia cresce ilimitadamente, o que nos faz deduzir que os seus avanços não vão se estacionar e sim evoluir consideravelmente, nos próximos anos. Com isso, teremos que agregar novas competências à vida profissional, evoluir outras ou até descartar algumas. A importância será dada pela indispensabilidade que ela terá num dado momento ou contexto. Dudziak (2007, p. 93) avalia que “a construção da competência nunca termina, pois é um processo dinâmico de auto-renovação e transformação pessoal proporcionado pelo aprender a aprender e pelo aprendizado ao longo da vida”. Então, o nosso desafio será nos aproximarmos desse atual contexto, entendendo que a inclusão social será possível se a autonomia no uso da informação for obtida e internalizada, avançando para a aquisição das habilidades informacionais e atitudes reais e capazes de transformar a condição social, individual ou coletiva, colocando em destaque uma postura crítica e interventora diante do mundo.

Diante do montante de informação produzida no mundo atualmente, é indispensável que o ser humano desenvolva competências para acesso, seleção e uso dessas informações.

Reconhecer a necessidade de saber ter acesso aos acervos informacionais, independente do suporte, é se manter inserido na excludente sociedade da informação/conhecimento.

Portanto, avaliamos a competência em informação como necessária e indispensável. Como área de estudos da Ciência da Informação, ela se preocupa com a recuperação, seleção e uso da informação pelo homem. Sabemos que é impossível mensurarmos a quantidade de documentos produzidos, assim como toda a informação que é veiculada no mundo. Por isso, selecionar corretamente o que poderá atender às necessidades de informação é passaporte para entrar de forma ativa e consciente nessa sociedade.

Diante desse panorama, a prática do bibliotecário sofre uma ampla ressignificação. O seu papel de mediador da informação começa a se sobressair ao tecnicismo que marca o seu fazer profissional. Dessa forma, entendemos que o bibliotecário passa a ser o responsável em desenvolver competência em informação nos usuários de informação.

## 6 REFERÊNCIAS

BELLUZZO R. C. B.; KERBAUY M. T. M. Em busca de parâmetros de avaliação da formação contínua de professores do ensino fundamental para o desenvolvimento da information literacy. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.5, n.2, p. 129-139, jun. 2004.

CAMPELLO, Bernadete. A competência informacional na educação para o século XXI. In: \_\_\_\_\_. **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 9-11.

\_\_\_\_\_. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

\_\_\_\_\_. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000.

DUDZIAK, E. A. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação e Documentação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientadora: Prof. Dr. Sueli Mara S. P. Ferreira.

\_\_\_\_\_. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n.1, p. 23-35, 2003.

\_\_\_\_\_. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 1, n.1, p. 88-98, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1396/878>>. Acesso em: 29 de maio 2013.

\_\_\_\_\_. Os faróis da sociedade da informação: uma análise sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. **Information literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Economia/Ministério da Ciência e Tecnologia/Instituto Brasileiro em Informação, Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gilda Olinto.

\_\_\_\_\_. **A Competência em Informação de Estudantes de Graduação em Turismo**: Um estudo de caso no Brasil. 2009. 143 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense/ Instituto de Arte e Comunicação Social/ Instituto Brasileiro em Informação, Ciência e Tecnologia, Niterói. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Gilda Olinto.

\_\_\_\_\_. **Comunicações e Dissertação** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <fabiodoici@yahoo.com.br> em 21 mar. 2011.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda. Competências em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: Nova Série, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-34, jan./jun. 2008.

LECARDELLI, Jane; PRADO, Noêmia Schoffen. Competência informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 a 2005. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: Nova Série, São Paulo, v.2, n. 2, p. 21-46, dez. 2006.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124 p., il.

MIRANDA, Silvana V. Identificando Competências Informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 112 -122, maio/ago. 2004.

\_\_\_\_\_. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006.

MORIGI, Valdir José; PAVAN, Cleusa. Tecnologias de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n.1, p. 117-125, jan./abr. 2004.

ODDONE, Nanci. O profissional da informação e a mediação de processos cognitivos: a nova face de um antigo personagem. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 01-11, 1998. Disponível em: <  
<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/rt/metadata/425/346>> .Acesso em: 31 de maio 2013.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Informação & Informação**, Londrina, v.1, n.1, p.5-13, jan./jun. 1996.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação do profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n.3, p. 77-82, set./dez. 2002.

SILVA, H. *et al.*. Inclusão digital para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 28-35, jan/abr. 2005.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 128 p.

\_\_\_\_\_. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.25, p. 05 - 17, jan./abr. 2004. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782004000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782004000100002&script=sci_arttext)>.  
Acesso em: 28 de maio 2013.

TARAPANOFF, Kira. **Perfil do profissional da informação no Brasil**; diagnóstico de necessidades de treinamento e educação continuada. Brasília: IEL/DF, 1997. 134 p. il.

TEXEIRA, Maria das Graças. Information Literacy: uma breve revisão de literatura. In: CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMÜLLER, Anna Friedericka. (Org.). **O Ideal de Disseminar**: novas perspectivas, outras percepções. Salvador: Edufba, 2006. p. 77-96.